

ANÁLISE ESPACIAL DA SOCIEDADE REIBEIRINHA: RELAÇÕES DE PODER

SPATIAL ANALYSIS OF THE REIBEIRINHA SOCIETY: RELATIONS OF POWER

SIQUEIRA¹, Thomaz Décio Abdalla

Resumo: Este trabalho trata de uma maneira introdutória e exploratória o tema das relações familiares e sociais e como eles acontecem entre os povos tradicionais na Amazônia, e foi realizado através de uma revisão literária sobre a bibliografia através do *Scientific Eletronic Library Online* – SciELO. O objetivo foi aprofundar o levantamento bibliográfico anterior sobre a formação familiar dos povos tradicionais que habitam no estado do Amazonas, e também, verificar de que maneira a dinâmica das relações familiares é abordada na literatura consultada. Quando se descreve os povos tradicionais na Amazônia na realidade se objetiva verificar as mais diversificadas comunidades que habitam a floresta amazônica: índios, caboclos, ribeirinhos e outros,² que por sua vez, tem um modo de vida diferenciado. Particularmente, o presente estudo, visa investigar as famílias ribeirinhas que vivem nas microrregiões do Médio Solimões, Baixo Solimões, Alto Amazonas e Médio Amazonas. O título do trabalho, Segmentos.... se refere ao recorte efetuado no que já foi pesquisado e escrito sobre a dinâmica familiar das diversas comunidades que habitam esse estado, formado de floresta e rios, e não tem a pretensão de elaborar, neste momento, um perfil da família no Amazonas, antes tem a intenção de encontrar semelhanças e diferenças sobre esses sistemas familiares, pesquisar e escrever a respeito de suas observações, além de sintetizar a metodologia utilizada para esse trabalho, referindo-se à essa verdadeira garimpagem literária”, buscou-se ler nas entrelinhas dos textos escritos pelos autores consultados, alguma informação a respeito das dinâmicas e funcionamentos familiares dos povos que habitam esse imenso território que é a Amazônia Ocidental, se localiza no centro geográfico, ocupando uma área de 2.194.599 km², que corresponde a 25,7% do território brasileiro. Tem 6.242.000 habitantes, segundo estimativas de 2010, foi criada pelo Decreto de lei 356/68, e se constitui dos estados de Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima.

Palavras chave: Família. Amazônia ocidental. Relações sociais. Relações de poder matriarcal.

¹ E-mail: thomazabdalla@ufam.edu.br

Abstract: This paper deals in an introductory and exploratory way with the theme of family and social relations and how they happen among traditional peoples in the Amazon, and was carried out through a literary review on the bibliography through the Scientific Electronic Library Online - SciELO. The objective was to deepen the previous bibliographical survey about the family formation of the traditional peoples living in the state of Amazonas, and also to verify how the dynamics of family relations is approached in the consulted literature. When describing the traditional peoples in the Amazon, in reality the objective is to verify the most diversified communities that inhabit the Amazonian forest: Indians, caboclos, riverine and others, who in turn, have a different way of life. In particular, the present study aims to investigate the riverine families that live in the microregions of Middle Solimões, Baixo Solimões, Alto Amazonas and the middle of Amazonas. The title of the work, Fragments refers to the cut made in what has already been researched and written about the family dynamics of the diverse communities that inhabit this state, formed of forest and rivers, and does not intend to elaborate at this moment , a family profile in Amazonas, but rather intends to find similarities and differences about these family systems, to research and write about their observations, and to synthesize the methodology used for this work, referring to this true "literary searching ", We sought to read between the lines written by the authors consulted, some information about the dynamics and family functions of the peoples who inhabit this immense territory that is the Western Amazon, is located in the geographic center, occupying an area of 2,194,599 km², which corresponds to 25.7% of the Brazilian territory. It has 6,242,000 inhabitants, according to 2010 estimates, was created by Decree Law 356/68, and is constituted of the states of Amazonas, Acre, Rondônia and Roraima.

INTRODUÇÃO

Apesar das profundas transformações pelas quais a família vem passando em sua formação, o conceito elaborado por Osório (2002), de que “*a família é a unidade básica de interação social*” (p.14), continua pertinente e atual, pois independente de sua formação e conteúdo, a família é o esteio básico da sociedade.³ O antropólogo Lévi-Strauss (apud Osório, 2002), menciona três os tipos de relações pessoais que configuram a família: a aliança conjugal (casal), a filiação (pais e filhos) e

consanguinidade (irmãos). Para ele, o parentesco consiste numa relação entre pessoas que se unem pelo casamento ou tenham uniões sexuais e gerem filhos; em sua concepção, parentes também são as pessoas que possuem ancestrais comuns.

Sociedade matriarcal é uma forma de sociedade na qual o papel de liderança e poder é exercido pela mulher e especialmente pelas mães de uma comunidade. A etimologia de matriarca deriva do grego *mater* ou mãe e *archein* (arca) ou reinar, governar.

O matriarcalismo pode ser entendido como uma estratégia cultural pouco disseminada na história humana em que as mulheres tem maior centralidade de poder, de decisão sobre a comunidade, recursos, casas, trabalhos e outros.

O pensamento evolucionista, criado por Darwin (1809-1882), com seus inúmeros seguidores, encontra em Morgan (1970), um defensor, no que se refere ao desenvolvimento da família. De acordo com Morgan, o desenvolvimento do gênero humano se processa através de estágios sucessivos e unilineares: estado selvagem, barbárie e civilização, e as esses estágios corresponderiam os tipos de família: consanguínea, punaluana, sindiásmica. De acordo com a Teoria Sistêmica de Terapia Familiar, esse triângulo inicial se constitui em novo sistema familiar que poderá ser modificado, porém não destruído, e que a partir daí, como uma célula, passa a compor o macro sistema, chamado sistema social. Como instituição social, a família sofre constantes mudanças, de acordo com as transformações econômicas, éticas e sociais pelas quais passa a sociedade, sofrendo as influências e também sendo um agente de mudança desse sistema social. Morgan (1970), em seus estudos sobre a família antiga, e evocando a teoria Darwiniana, diz que a ideia de família resultou de uma evolução através de sucessivos estágios de desenvolvimento. De acordo com o autor, existiram pelo menos cinco formas diferentes e sucessivas de família, cada uma delas apresentando uma instituição matrimonial peculiar, que ele apresenta em sua obra como: a família consanguínea (o casamento entre irmãos e irmãs carnais e colaterais); a família punaluana (o casamento de várias irmãs carnais com os maridos de cada uma das outras, no interior de um grupo); a família sindiásmica ou de casal (casamento entre casais individuais, sem a obrigação de coabitação exclusiva), a família patriarcal (o casamento de um só homem com várias mulheres); e a família monogâmica (o casamento de casais individuais, com a obrigação de coabitação exclusiva).

No entanto, não se encontram muitas informações sobre as alterações sofridas pelas famílias no Brasil. Neder (2005), em um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil, diz que, os estudos históricos acerca das famílias no Brasil são recentes e reúnem dados ainda fragmentados, porque até pouco tempo atrás raramente estudava-se o tema. Referindo-se à sua pesquisa sobre a família e seus ciclos vitais em São Paulo, Cervený (1997), faz referência sobre a família brasileira e diz que, devido a diversidade de modelos, a amplitude territorial do Brasil, foi alvo de diferentes colonizações, e, conseqüentemente, da miscigenação desses povos que aqui se encontraram, somadas às constantes imigrações. Romanelli (2000), ao escrever sobre as relações de autoridade e poder dentro da família, diz que as pesquisas realizadas sobre família no Brasil, têm mostrado a diversidade de sua organização, tanto em sua composição, como nas formas internas de sociabilização. Verificou-se, de acordo com os autores citados, que pouco se conhece sobre a história e as mudanças pelas quais passou a família no Brasil, antes ou depois do seu descobrimento no século XV. Galvão (1955), diz terem sido três as principais correntes étnicas responsáveis pela formação da raça brasileira: O ameríndio, o europeu e o africano e que: *“Paisagens diferentes, exigiam adaptações diversas, e contingentes humanos de várias origens imprimiram sua contribuição a cada uma das áreas regionais. As marcas se revelam no tipo físico do habitante como nas suas tradições e hábitos”* (p.12). Se, em termos de Brasil não se encontram muitos registros sobre a organização e a dinâmica familiar, em se tratando das famílias na Amazônia essas informações são ainda mais escassas, estando disponíveis apenas nas entrelinhas das observações de pesquisadores e historiadores, que através dos séculos, tem se dedicado a estudar esse imenso território da Amazônia brasileira, sendo, por sua vez, subdividida em várias microrregiões, cada qual com suas peculiaridades. Em seus estudos sobre uma comunidade amazônica no estado do Pará, no início do século XX, Wagley (1988), observou que aqueles brasileiros que ali habitavam têm na família uma das mais importantes instituições nacionais, e que para eles, a família é constituída não só pela família nuclear (composta por pai, mãe e filhos), mas por todos os membros que compõem as respectivas famílias de origem, o que seria então a família extensa. No contexto amazônico, tal como em outras populações, a família sempre foi o continente de reprodução de valores, costumes e tradições. Freyre 1943 apud Galvão, 1955, aponta que a família patriarcal nos moldes escravocratas de outras regiões do Brasil não se reproduziu em grande escala na Amazônia, tendo em vista

que esse tipo de família era característica de regiões onde a plantação ou a pecuária formavam a base da economia, atividades que, na Amazônia logo foram sufocadas pelas indústrias extrativistas. Assim como a nação brasileira foi formada pela união de três correntes étnicas, o ameríndio, o europeu e o africano (Galvão, 1955), também na Amazônia houve a ocorrência desse fenômeno. Mas, segundo Reis (1977), brancos e negros eram proibidos, por legislação da época, de manterem relações amorosas; ao contrário dos relacionamentos entre brancos e índios que eram incentivados; inclusive através do alvará de 04 de abril de 1755 e outras instruções, foi mandado que fosse dada preferência em cargos públicos aos que se casassem com mulheres índias. Portanto, no pensamento de Galvão (1955), uma das características da formação étnica na Amazônia, foi o elevado contingente indígena, muito maior do que em qualquer outra região brasileira. Em seu artigo sobre como acontece a vida em uma comunidade ribeirinha, Harris (1998), observou uma grande quantidade de população descendente de colonizadores europeus e índios, conhecidos como caboclos, habitantes da área ribeirinha.

Ao realizar, no ano de 2000, um etnodocumentário sobre as comunidades judaicas existentes na região do Baixo Amazonas, abrangendo os municípios de Alenquer, Santarém e Belém, no estado do Pará, Nugent (2006), encontrou, além de judeus, a maioria criada na Amazônia, de terceira e quarta geração, também, japoneses, libaneses, holandeses, franceses, ingleses, ucranianos, etc. Logo, a partir dos comentários desses pesquisadores, é possível conhecer um pouco da formação étnica da maior parte dos povos habitantes na Amazônia, e através de seus escritos, depreender as influências dessas várias etnias na organização e dinâmica familiares, apesar de que, conforme Galvão (1955), não é possível generalizar as tradições e hábitos desses povos. O estado do Amazonas, com 1.558.987 quilômetros quadrados, está localizado no extremo norte do Brasil, faz parte da Amazônia brasileira, e está limitado, ao norte com a Venezuela e o estado de Roraima, ao sul, com os estados do Acre, Rondônia e Mato Grosso do Norte, a leste, com o estado do Pará e a oeste com os países Colômbia e o Peru. (BARBOSA, i., 2007). Apesar das grandes distâncias geográficas as todas essas áreas são habitadas por núcleos e segmentos familiares por diversas grupos étnicos.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa extensa da revisão bibliográfica e também da literatura no período de 10 anos, entretanto também direcionamos o nosso olhar para os aspectos históricos para uma percepção do que significa um segmento familiar no nosso olhar e nos outros olhares. Realizamos as buscas através da pesquisa no sistema do SciELO - *Scientific Electronic Library Online*. A análise crítica caracterizou-se através do uso da pesquisa filosófica. O método filosófico de pesquisa segue essencialmente os mesmos passos que outros métodos de lidar com alguns problemas científicos, na medida que tenta reformular percepções e sugerir novas. Foi feita uma revisão, no qual se definiu como um tipo de pesquisa que procurou avaliar criticamente o que os autores relatavam sobre os sistemas familiares na amazônica ocidental. Tivemos que estar bastante informado sobre a literatura considerada bem como dominar os tópicos e procedimentos sobre o núcleo familiar no nosso estado. A pesquisa de Revisão envolve análise, avaliação e integração da literatura publicada, e também frequentemente conduz para conclusões importantes a respeito dos resultados de pesquisas realizadas até o momento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabemos que o rio Amazonas, que dá nome ao estado do Amazonas, nasce na cordilheira dos Andes, no Perú, onde é chamado de Ucayali, atravessa parte da Colômbia, onde é denominado de Marañon, e ao adentrar no Brasil, no estado do Amazonas, primeiramente recebe o nome de Solimões até encontrar-se com seu afluente Rio Negro, e a partir daí, até seu desague no oceano atlântico, tem o nome trocado por rio Amazonas, sendo dividido em três partes: Alto Solimões, Médio Solimões e Baixo Amazonas. A bacia Amazônica, formada pelo Rio Amazonas e seus afluentes, formam a bacia amazônica, a maior bacia hidrográfica do mundo, ocupando uma área de 4,8 milhões de quilômetros quadrados. (BARBOSA, I., 2007).

Percebemos que os através da investigação que os habitantes dessa região são comumente chamados de povos da floresta. "[...] os povos da floresta formam comunidades onde se defrontam natureza, culturas e temporalidades diferentes em uma fronteira móvel..." (BARBOSA, I., 2007, p.92). Citação: "A vida na Amazônia só pode ser compreendida a partir da interação entre homem e meio natural. A relação visceral que os homens amazônicos possuem com a natureza é a chave para o entendimento dos estilos de vida na Amazônia. O homem amazônico constrói seus

modos de vida a partir das intensas e íntimas relações com os diversos elementos da natureza, basicamente: terra, água e floresta” (WITKOSKI, 2006, In PEREIRA, H., TORRES, I.C. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de PósGraduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Ano I, n.1 (2000) Manaus: Editora da Universidade do Amazonas - EDUA., 2000). Compreendemos como é bastante diversa a natureza dos homens da floresta, afinal o núcleo familiar na maioria das vezes se constitui entre parentescos e vizinhos, ao final uma grande família com mesmo foco de trabalho para a sobrevivência do núcleo humano.

Em seus estudos sobre o campesinato amazônico, pesquisando os caboclos ribeirinhos, em uma visão socioeconômica, Fraxe (2000), descreve a importância da família e sua relação com as atividades produtivas e divide o seu campo de estudo em quatro microrregiões: Médio Solimões, Baixo Solimões, Alto Amazonas e Médio Amazonas e segue a classificação familiar de Wolf, (1970), dividindo-as em famílias extensas e famílias nucleares, sempre associadas às necessidades de produção e distribuindo-as entre as microrregiões, de acordo com sua incidência. A pesquisadora revela informações interessantes sobre as famílias ribeirinhas.

Segundo o seu relato, Fraxe (2000, p.68), observou nas microrregiões pesquisadas: “tanto comunidades com predominância de famílias extensas, principalmente no Médio Solimões..., como comunidades constituídas, basicamente de família nucleares, verificadas em maior número na microrregião do Alto Amazonas”. Notamos que essas famílias reforçam a união do núcleo familiar através do trabalho de agricultura e pesca. A forma de trabalhar em núcleos facilita a interação social e também a possibilidade de conhecer novos núcleos através de festas e cultos religiosos. A autora supracitada, também observou tensões entre as gerações no seio das famílias extensas, envolvendo a disputa pelo poder da liderança; com o avançar da idade, o pai precisa passar o poder de decisão e liderança para um de seus filhos, e a mãe, passar os cuidados da casa para a nora. Outro dado verificado, é que, as mulheres dessas famílias extensas, geralmente são provenientes de outras famílias, localizadas em outras comunidades, já que a autoridade é centralizada no homem, cabendo às mulheres ajustar os seus desejos às vontades de seus maridos. A pesquisadora disse também que, a mulher ribeirinha pratica uma jornada de trabalho intensa; além de cuidar da casa, do marido e dos filhos, ela também ajuda nas

atividades produtivas fora de casa, e que apesar disso, não lhe é permitida uma participação social e política no mesmo nível dos homens. No que se refere à dinâmica interna da família, Fraxe observou uma forte tendência das famílias extensas a reprimir demonstrações de agressões e sexualidade, e um preparo desde cedo das crianças, para o autocontrole requerido para um futuro coordenador do grupo, e para tornar-se um membro permanente do grupo já existente, lançando as bases para os casamentos. Enquanto que, nas famílias nucleares, foi observado menos rigor na punição da agressão e a sexualidade e uma maior liberdade nos relacionamentos. Pesquisando sobre o papel da família na produção de cuidados da saúde, Gutierrez (2012), fala a respeito da mulher e do homem, residentes em um bairro popular de Manaus, Am., a capital do estado do Amazonas, e sobre seus papéis e expectativas familiares e sociais a respeito de suas respectivas figuras. Apesar de tratar-se de uma investigação direcionada para o cuidado da saúde da família, é possível apreender alguma informação sobre a influência de cada um deles na formação e a interação do grupo familiar. Citação: Segundo Gutierrez, “De um modo geral, entre as famílias prevalecem representações mais tradicionais que atribuem à mãe e esposa funções domésticas ligadas aos cuidados dos filhos, principalmente, e também da casa. A partilha do trabalho doméstico se apresenta em muitos e diversificados arranjos que são negociados de forma mais ou menos implícitas pelo casal...A centralidade do papel da mulher na família é reconhecida por todos os entrevistados, assim como suas habilidades mediadoras e conciliadoras em momentos de conflito...” (p.121). Gutierrez ainda menciona que, quando ocorre uma situação de desemprego do marido, cabe à esposa assumir a responsabilidade pelo sustento da família. Uma das características das culturas tradicionais existentes na Amazônia, mencionadas por Diegues (2004), é *“a importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e as relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais”* (p. 88). Em sua obra autobiográfica, Melo (1983), relatou o dia-a-dia de sua família oriunda do nordeste brasileiro que teve que adaptar-se à vida das comunidades ribeirinhas. Em seu relato a autora fala das relações com a família extensa ou política (pais, sogros, cunhados, tios e primos), de como estavam sempre se hospedando uns nas casas dos outros e nas relações de ajuda mútua financeira e afetiva.

CONCLUSÃO

Este trabalho de investigação trata de uma maneira introdutória e exploratória o tema das relações familiares e como elas acontecem entre os povos tradicionais na Amazônia, necessitando de um maior aprofundamento, buscando mais informações em outras literaturas, para que seja possível traçar o perfil da dinâmica e organização familiar na Amazônia Ocidental, dentro de um contexto de influências das imigrações internas e externas. Através das observações registradas pelos historiadores, pesquisadores e estudiosos sobre a Amazônia, percebe-se que, de uma maneira geral, as famílias na Amazônia, possuem as mesmas características da família brasileira, ou seja, a forte miscigenação e mestiçagem, sofridas devido à imigração para a região, de diversos povos e etnias, em determinados contextos históricos. No nosso entendimento os ajuntamentos familiares acontecem através de festas locais, geralmente com o direcionamento religioso e isso facilita a proximidade de contatos sociais e afetivos. Todos trabalham em conjunto, por exemplo: na moagem do produto final da farinha. Suas atividades econômicas se direcionam para economia local e sobrevivência da subsistência familiar. A questão educacional acontece através de ensinamentos em escolas improvisadas e geralmente são escolhidas as pessoas que detêm um dito melhor nível educacional entre os habitantes. São pessoas religiosas e generosas com os turistas. Alguns vivem de artesanato aonde são vendidos nas beiras dos rios ou dentro dos regatões (barcos). Naturalmente que, neste trabalho, não foram esgotados todos os estudos e registros sobre o assunto, como por exemplo, a influência da imigração nordestina na Amazônia, na época da explosão do extrativismo da borracha, e como eles se mesclaram com os nativos e mestiços da terra, causando uma grande influência em seus costumes, dos quais existem numerosos registros e que não foram contemplados neste estudo.

Na sociedade ribeirinha se caracteriza por ser guerreira, como as amazonas costumam ser referenciadas, mas por possuir uma característica matriarcal, devido a proeminência das mulheres na sociedade, sua posição de poder e suas práticas culturais diferenciadas das famílias em Manaus.

Aprendemos com as nossas leituras dirigidas como o núcleo familiar é composto e geralmente as formações de micro famílias são derivadas de macro

famílias, isto é, são compostas de vizinhos, agregados e também parentes distantes que residem na redondeza geográfica da Amazônia.

Discorrer sobre o matriarcado tem-se necessariamente que se discutir como o poder é construído na sociedade, porém, há que se respeitar as formas culturais de cada povo, principalmente na Amazônia ocidental. Assim, o matriarcado pode envolver uma divisão de poderes com maior ou menos opressão dos homens dependendo da estratégia cultural. Assim, não é porque em uma sociedade há liberdade para as mulheres e possibilidade de fazer decisões não centrais que se caracteriza como sociedade matriarcal. A sociedade matriarcal tem o poder relacionado às mulheres para decisões da própria sociedade para além do âmbito doméstico, daí a necessidade de estudos atentos à sociedade dita ribeirinha, onde a mulher assume a responsabilidade pela manutenção do núcleo familiar. Assim, também não se deve confundir o matriarcado com a matrilinearidade, matrifocalidade e matrilocidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Irecê. **Chão de fábrica** – ser mulher operária no polo industrial de Manaus. Manaus: Editora Valer, 2007.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família e ciclo vital, nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec Núcleo de apoio a pesquisa sobre populações humanas e áreas unidas brasileiras. USP, 2004.

FRAXE, T. J. P.; WITKOSKI, A. C.; PEREIRA, H. S. Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: Memória, modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2000. 224p.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1955.

GUTIERREZ, D. **O papel da família na produção de cuidados da saúde**. Manaus: EDUA 2012.

HARRIS, Mark. **The rhythm of life on the amazon floodplain**: seasonality and sociality in a riverine village. The journal of the Royal Anthropological Institute, vol. 4, n1, march 1998.

MELO, Maria Mitouso de. **Um pouco da minha vida**. Editora Civilização Brasileira S.A. Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, 1983.

MORGAN, 1970. In: CANEVACCI, Massimo. **Dialética da família**. Brasiliense, 1982.

NUGENT, Stephen. **Utopias e distopias na paisagem amazônica**. In: ADAMS, Cristina et al. ____ 11 *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2006, 15-31.

OSÓRIO, Luís Carlos. **Casais e famílias**: uma visão contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Ed. Rev. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas/Governo do estado do Amazonas. 1977.

ROMANELLI, Geraldo. **Autoridade e poder na família**. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de (org.). *A família contemporânea em debate*. Cortez Editora. São Paulo, 2000.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WITKOSKI, 2006, In PEREIRA, H., TORRES, I.C. **Somanlu**: Revista de estudos Amazônicos do programa de pós-Graduação sociedade e cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Ano I, n.1 (2000) Manaus: EDUA., 2000.